

COLEÇÃO CARTILHAS DE TEATRO

1. Hermilo Borba Filho e B. de Paiva, *História do espetáculo** — 2. Lília Nunes, *Manual de voz e diction* (2ª edição) — 3. Moema Renart de Brito, *Manual de administração teatral** — 4. Maria Clara Machado e Marta Rosman, *Jogos dramáticos** — 5. Francisco Fernandes, *Manual de direção teatral* — 6. Guilherme de Figueiredo, *Como escrever peças de teatro** — 7. Vários autores, *Teatro na educação — Subsídios para o seu estudo* — 8. Hilton Carlos de Araújo, *Teatro integrado — Experiências* — 9. Hamilton Saraiva, *Elettricidade básica para teatro* — 10. José Antonio Dominguez, *Teatro e educação — Uma pesquisa*.

COLEÇÃO ENSAIOS

1. Gustavo A. Dória, *Moderno teatro brasileiro* — 2. Luiza Barreto Leite, *Teatro e criatividade* — 3. Eugenio Kusnet, *Ator e método* — 4. Sábato Magaldi, *Panorama do teatro brasileiro* — 5. Joel Pontes, *Teatro de Anchieta*.

PUBLICAÇÕES DOCUMENTAIS

Índice da dramaturgia brasileira
Volumes A, B e C
Anuário do teatro brasileiro/1976
Dionysos nº 22 (Especial Os Comediantes)
Dionysos nº 23 (Especial Teatro do Estudante/Teatro Universitário)
Dionysos nº 24 (Especial Teatro de Arena)

COLEÇÃO DEPOIMENTOS

Depoimentos I (Pioneiros do teatro moderno) — *Depoimentos II* (Críticos) — *Depoimentos III* (Teatro de revista — atores e produtores) — *Depoimentos IV* (Atores do TBC)

OS SOBREVIVENTES

MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO DE Amparo à Pesquisa
ATENÇÃO: CENIPA - 4000-000
MATERIAL PARA DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

COLEÇÃO PRÊMIOS

OS SOBREVIVENTES

Ricardo Meirelles

Volume 16

Vieira, Ricardo Meirelles, 1947 —

Os sobreviventes. Prêmio de publicação. VIII Concurso de Dramaturgia/1976. Prêmio Serviço Nacional de Teatro. Rio de Janeiro, MEC, Serviço Nacional de Teatro, 1978.

53 p.

(Col. Prêmios, 16)

1. Teatro brasileiro. I. Título.

CD19 — B-09.2



PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ERNESTO GEISEL

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

EURO BRANDÃO

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS

MANUEL DIEGUES JÚNIOR

Diretor Geral

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE

José CÂNDIDO DE CARVALHO

Presidente

ROBERTO DANIEL MARTINS PARRERA

Diretor-Executivo

SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

ORLANDO MIRANDA DE CARVALHO

Diretor

Ricardo Meirelles

OS SOBREVIVENTES

Prêmio de Publicação
VIII Concurso de Dramaturgia/1976
Prêmio Serviço Nacional de Teatro

Ministério da Educação e Cultura — D A C
F U N A R T E — Serviço Nacional de Teatro

1978

APRESENTAÇÃO

Dentro do seu projeto de divulgação de talentos novos da dramaturgia brasileira, o Serviço Nacional de Teatro estabeleceu, no seu Concurso de Dramaturgia, que poderiam ser indicados pela comissão dois textos para Prêmio de Publicação, além dos três primeiros lugares. No VIII Concurso de Dramaturgia, referente ao ano de 1976, foram indicados A resistência, de Maria Adelaide Santos do Amaral, e Os sobreviventes, de Ricardo Meirelles Vieira.

A publicação de Os sobreviventes vem, assim, dar cumprimento a esse propósito. Temos, além disso, a satisfação de assinalar que a premiação confirma o talento jovem de um autor que já conquistou a indicação do 1º lugar da 4ª Coordenação no I Concurso Universitário de Peças Teatrais e o 3º lugar do VII Concurso de Dramaturgia, ambos de 1975, respectivamente com as peças Você se lembra daquele vizinho que ficou de cueca na sala de jantar? e O palácio dos urubus. Acrescentamos, apenas, que tal confirmação de valores vem justamente preencher uma das mais gratas finalidades desses concursos.

ORLANDO MIRANDA DE CARVALHO

Diretor do SNT

Na peculiar atmosfera brasileira dos anos 50, 60 e 70, a família Abodeon, tenta a todo custo realizar e comemorar um estranho noivado da filha mais velha.

— a composição da família Abodeon —

Garbelo, pai Abodeon; Consuelo Abodeon, a mãe, Dalila Maria Abodeon, a filha, Carrero José Abodeon, o filho. Fundato o noivo.

— a residência da família Abodeon —

dois planos de cenário de modo a mostrar uma sala e um quarto. Se possível até mesmo as demais dependências da casa. No final do 2º ato, o cenário sofrerá radicais modificações caso não use o recurso da fotografia.

— 3 décadas de noivado em 3 dias diferentes —

peça em 2 atos com 4 cenas. 1º ato cena I 1954 — Cena II 1964
2º ato 1974 — Cena II 1977

PRIMEIRO ATO

(Som suave de um tic-tac de relógio)

GARBELO — Esta casa precisa de ordem, de princípios, de uma rigorosa e sólida moral. Fortificando a família, estaremos fortificando a pátria. É preciso de uma vez por todas acabar com os desmandos e os desleixos domésticos.

CONSUELO — Todo esse seu discurso não passa de influências desastrosas de Gustavo Barroso.

GARBELO — O que falei não foi discurso. Nem estou influenciado por ninguém. O meu desejo é não ver a família Abodeon se dilacerar. Veja o triste exemplo dos Silveiras; a filha se tornou uma refinada prostituta, a mãe é hoje a "famosa" mulher gorila de um parque da cidade, o filho ficou na vadiagem, na promiscuidade dos biscates, do jogo de bicho e das lutas de boxe. O pai desencantado com o destino de sua família, com a sua falta de herança moral, virou um anarquista e deixou-se seduzir pelos caminhos do álcool. A pátria abomina gente assim, pesos mortos, improdutivos, desmoralizados, descontentes e impotentes. O que faltou aos Silveiras?

CONSUELO — Moral, Religião, Patriotismo e União.

GARBELO — Tudo isso e mais Ordem. Essa herança eu deixo para vocês. Com o que vou fazer aniquilarei o perigoso germe da desordem, gerador de miséria moral e social, que começa a querer despontar na nossa casa.

CONSUELO — Seja ponderado, o que você pretende fazer é um absurdo, é desumano e anticristão.

GARBELO — Às vezes temos que ser anticristãos quando existe uma necessidade eminente e uma perigosa ameaça.

CONSUELO — Que necessidade? Que ameaça? Você está delirando vendo fantasma, a verdade é que o seu egoísmo está te matando, você só pensa em você, pense em mim, na sua filha, no seu filho, que mal nasceu e pouco te conhece e que irá precisar tanto de você. Pense no nosso desamparo econômico, afetivo.

GARBELO — Penso em tudo isso. Penso em todos, na família, sobretudo, como uma unidade a salvar.

CONSUELO — Então desiste dessa idéia tresloucada.

GARBELO — Não posso recuar.

CONSUELO — Não torne as coisas irreversíveis.

GARBELO — Não há outra saída.

CONSUELO — Tem que haver. Claro que há. Você é dono da sua vontade. Perceba as dificuldades em que você vai nos deixar, sinta as nossas carências, nós não somos objetos amórficos, sem vontade, sem necessidades, sem amor, sem saudade.

GARBELO — Acabo de entender que você não pode compreender meu gesto maior.

CONSUELO — Você não passa de um egoísta, um vaidoso narcisista. Objetivamente responda, como a família Abodeon ficará?

GARBELO — Unida em torno do meu ato. E espero com muitas saudades também. Quero que coloquem um retrato meu, que já foi tirado, no mesmo tamanho do de Getúlio Vargas que temos no banheiro. Aliás são pequenas coisas como essa que geram a desordem familiar, social e até universal.

CONSUELO — Não sabia que um retrato do presidente no banheiro, pudesse gerar uma desorganização dessa proporção. Você é trágico ou é cômico.

GARBELO — Não admito piada com o meu realismo. Um presidente deve ficar na sala de jantar, de frente para o Sagrado Coração de Jesus; mesmo que a gente discorde de sua política, e não no banheiro, cômodo hierarquicamente inferior e menor da casa.

CONSUELO — Você não pensava assim em 1945.

GARBELO — Se não pensava era por um desses arroubos juvenis.

CONSUELO — Com 25 anos não se é mais juvenil nem em time de futebol!

GARBELO — Quem teve 25 anos em 1945 era um garoto. Hoje não, os tempos são outros. Sempre achei que é chamando a autoridade de excelência e colocando a personalidade em lugar de destaque e respeito, que se consegue manter a trilogia, ordem, progresso e união.

CONSUELO — Quando Getúlio Vargas foi deposto, você foi o primeiro a mandar que se escondesse o retrato.

GARBELO — Mandar não! Sugerir. Esconder não! Retirar da sala. Perceba a diferença. Portanto, nada levava a crer nem a supor que ele terminaria no nosso desagradável banheiro. Além do mais já se passaram 5 anos, e ele voltou eleito pelo povo, devia já ter voltado também para a sala.

CONSUELO — Escuta aqui, não é pelo fato de Vargas estar no nosso banheiro que você está querendo fazer esse papelão conosco.

GARBELO — Você acha que o que eu vou fazer é papelão? É assim que você interpreta meu gesto maior? Papelão?

CONSUELO — Papelão mesmo. O que você vai fazer é de uma inutilidade sem sentido.

GARBELO — Inutilidade? Desde quando morrer é inútil?

CONSUELO — Um morto não serve para nada, não passa de um corpo parado, inchado, pesado, frio, inútil. Se vai mesmo se matar trate de se vestir, terno, camisa, sapato, gravata e meia, não quero ter esse trabalho.

GARBELO — Não se preocupe não te darei, se você fosse mais observadora e atenciosa teria notado que eu vesti todos esses acessórios. Veja mesmo que tenho de apressar meu suicídio antes que tenha mais decepção. Você não mais acredita na ressurreição dos mortos, na imortalidade da alma, segundo os nobres princípios da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana.

CONSUELO — Segundo esses mesmos princípios, quem se mata vai para o inferno.

GARBELO — Chega, acabou o diálogo. Vou-me embora antes que tenha a convicção dolorosa de que você enveredou pelos tortuosos caminhos do materialismo marxista.

CONSUELO — Como materialismo, se eu acredito piamente que você vai para o inferno.

GARBELO — Agora faz troça do meu sacrifício, leva para o deboche, estou ciente do que posso padecer após morte. Família Dilacerada é Pátria Atrasada. Eu viverei, espero, em sua memória, na dos meus filhos, como um mito, como um herói, como um exemplo de altruísmo, como um marco a ser cultivado e respeitado. Morrerei para salvar a família.

CONSUELO — Quanta pretensão! Saiba que... A memória é fraca, os mitos não resistem ao cotidiano, os exemplos o tempo faz a gente esquecer, os heróis de hoje podem não ser os de amanhã; e os seus filhos, ao interpretarem o seu gesto ao invés de o verem como um restaurador da família, podem vê-lo como um nihilista influenciado pelas doutrinas dadaístas do após-guerra, que levou suas convicções filosóficas às últimas conseqüências.

GARBELO — NÃO DIGA MAIS NADA! ME PASSE O REVÓLVER QUE ESTÁ NA CRISTALEIRA!

(neste exato momento ouve-se forte choro de criança:)

CONSUELO — Agora não posso. Tenho que dar mamadeira ao nosso filho.

(Consuelo sai de cena — Garbelo fica desconcertado)

GARBELO — Esse menino não tinha outra hora para chorar, até parece que fez de propósito, só para me irritar. Em outros tempos isso não

acontecia. Dalila, a mais velha, só chorava nas horas certas. A geração de agora parece que já nasce rebelde.

(bastante irritado por não poder abrir a cristaleira)

Nesse tempo tudo andava nos seus devidos lugares. Chave na cristaleira, retrato do presidente na sala e penico embaixo da cama. Hoje é chave embaixo da cama, penico na cristaleira e presidente no banheiro. É o fim. Deu a mamadeira?

CONSUELO — Não, troquei a fralda.

GARBELO — Me dê a chave da cristaleira.

CONSUELO — Não me diga que você vai beliscar o bolo de noiva de Dalila?

GARBELO — Não seja ridícula, você sabe muito bem o que quero apanhar na cristaleira.

CONSUELO — Você ao menos podia adiar a sua morte para amanhã. Já pensou na decepção que vai causar a sua filha? Hoje é dia do seu noivado. Dalila ficará com uma cara de tacho. Quando apresentar o Robledo e você estiver deitado passivamente morto. Será um grande abalo para quem tem 22 anos. E eu com que cara direi ao Robledo que você morreu propositadamente. O rapaz pensará que você era contra o noivado, ou que tinha alguma implicância com ele. Com isso teremos mais um noivado de Dalila encerrado, mais uma ilusão desfeita, mesmo para quem tem o frescor dos 22 anos, será uma grande dor.

GARBELO — Por que você acha que com a minha morte, o Robledo acabará com o noivado?

CONSUELO — Por muitas coisas, superstições, ele fará mil suposições todas trágicas e macabras. A Dalila irá te odiar, é capaz de não chorar uma só lágrima por você, toda a sua reserva será jorrada para o noivado desfeito.

GARBELO — Diabo! NÃO HAVIA PENSADO NISSO!

CONSUELO — Pense em outro inconveniente, terei que dividir a sala em dois ambientes diferentes, a direita o seu velório, a esquerda a festa. Para os convidados, isso será muito desagradável, não é fácil comer salgadinhos olhando para um morto. Eu receberei felicitações e pêsames ao mesmo tempo, no olho direito terei uma lágrima, no esquerdo um sorriso. Ficarei com uma cara igual àquelas máscaras clichês de teatro.

(Garbelo procura não ouvir mais nada, apanha resoluto a chave, abre a cristaleira, retira o revólver.)

CONSUELO — Não dá ao menos para adiar Garbelo?

(de revólver na mão)

GARBELO — NÃO.

(Pausa longa)

CONSUELO — Pensando muito bem Garbelo, sem o pater família estaremos vulneráveis a mesma degenerada sorte dos Silveiras.

GARBELO — Não diga isso.

CONSUELO — Honestamente é o que pode acontecer.

GARBELO — SÓ SE VOCÊS NÃO TIVEREM CARÁTER!

CONSUELO — Você pensa que nós vamos viver de quê, de força de vontade ou do seu belo exemplo?

GARBELO — DO SEGURO QUE DEIXO PARA VOCÊS. O RESTO É DIGNIDADE. E UNIÃO.

CONSUELO — Nenhuma companhia de seguros paga pela morte de um suicida. Com fome, dignidade é luxo, não se pode ter.

GARBELO — Não se preocupe com o lado econômico. Cuidem do espírito, fortifiquem o caráter e aprendam a amar a Deus e a Pátria sobre todas as coisas.

CONSUELO — Em suma devemos esperar economicamente pelo milagre?

GARBELO — Pois espere, ele virá.

CONSUELO — Não tem cabimento essa sua fixação sem propósito de se matar. Nada me leva a ver uma motivação para isso. Francamente não somos tão desorganizados assim, se o exemplo deve vir de cima, veremos que o próprio país também não é tão organizado. Afinal é Brasil e nós somos brasileiros.

GARBELO — Por isso mesmo, eu pressinto a crise que está por vir, a anarquia social está por se estabelecer. Existe um clima de efervescência nociva. E tudo isso não passa de um reflexo das famílias desorganizadas, esfaceladas que andam impune por aí.

CONSUELO — Esqueça as frases de Plínio Salgado.

GARBELO — Essas palavras não são dele.

CONSUELO — Seja de quem for é inútil. Raciocine, se cada vez que o país passar por uma crise política, um pai de família se matar, de acordo com a sua argumentação, seremos um país de viúvas. E o que adianta isso? Nada. Você é favorável a um total matriarcado?

(Garbelo ia responder, contra-argumentar, mas um violento ataque de tosse não permite. Consuelo apanha na cristaleira um xarope.)

CONSUELO — Tome o seu Rum Creosotado.
(Garbelo toma 2 colheres seguidas)

CONSUELO — Melhorou?

GARBELO — Dá prá chegar lá. Minha velha gripe me serviu de sinal.

CONSUELO — Não quero te irritar mais, nem fazer apelos para os seus ouvidos insensíveis, minha posição já ultrapassou ao ridículo. Se você acha que o que vai fazer, é melhor para o destino dos Abodecons que o faça. Não me sinto culpada de nada, o fato de ter feito uma arrumação e o retrato de Vargas ter ido parar no banheiro, não pode servir de pretexto para uma medida tão drástica.

GARBELO — (irritado) Arrumação de 1945 e até hoje permanece lá. Estamos em 1954.

CONSUELO — Foi uma faxina rigorosa.

GARBELO — Foi uma faxina anárquica, que colocou o retrato do presidente da nação a um metro acima do vaso sanitário, parecendo que Getúlio Vargas está num trampolim, pronto para dar a qualquer momento um mergulho espetacular e fatal nas águas escuras, revoltas e quase sempre sujas da nossa latrina.

(Garbelo vai se ajeitando na cadeira, parece estar se aprontando para tirar uma fotografia num lambe-lambe qualquer da cidade. Solenemente encosta o revólver no coração.)

CONSUELO — Garbelo, não seria melhor você sentar na poltrona, seu corpo pode cair da cadeira.

GARBELO — Estou muito bem aqui.

CONSUELO — Nenhum apelo ou argumento irá convencer você não fazer essa tolice?

GARBELO — (irredutível) Não. Faça silêncio. Conte até dez, quando acabar de contar eu disparo.

CONSUELO — Para fundo musical, você prefere Aquarela do Brasil ou Hino Nacional?

GARBELO — Não faça piada da minha morte. Me respeite. Gostaria que você me desse um beijo.

CONSUELO — De despedida?

GARBELO — Sim.

CONSUELO — Então, não beijo.

GARBELO — Até o último momento você me contraria. Não faz mal, não. Morrerei. Por favor comece a contagem.

CONSUELO — Espere um instante Garbelo, vou colocar uns jornais debaixo da cadeira para não sujar o chão de sangue, tive muito trabalho de encerrar hoje.

(Aborrecido, Garbelo levanta e ajuda a sua mulher a forrar o chão com jornal.)

CONSUELO — Você vai ler?

GARBELO — Não tenho mais tempo.

CONSUELO — Nem as páginas de esporte?...

GARBELO — Não.

CONSUELO — Você acha que vai espirrar sangue pelas paredes?

GARBELO — Não.

CONSUELO — Então não preciso botar jornal para proteger.

GARBELO — Respeite minha hora final, acabe logo com essa angústia. Inicie a contagem.

CONSUELO — (temerosa) 1...2...3...4...5...6...7...8...
9.....e.....e.....e..... VOCE VAI MESMO ATIRAR?!

GARBELO — QUE SUSTO! Quer me matar do coração? Claro que vou. Continue a contar.

CONSUELO — Me perdi, não sei se parei no 8 ou no 9. Vou começar tudo de novo. 1...2...3...4...5...6...7...8...9.....

(De repente, Dalila entra pela sala a dentro afobada, nervosa...)

DALILA — MAMÃE! MAMÃE!...

CONSUELO — O que é minha filha, que excitação é essa, o que aconteceu?

DALILA — Getúlio... (voz embargada) ... Getúlio Caiu...

CONSUELO — Na Privada?

DALILA — Do Governo. MAMÃE, PAPAI, GETÚLIO VARGAS MORREU!

CONSUELO — (ainda confusa) Afogado?

DALILA — NÃO, ELE DEU UM TIRO NO CORAÇÃO.

CONSUELO — Quem te disse isso?

DALILA — Ouvi no Rádio da dona Dolores. Mamãe, isso deve dar azar, ele morreu bem no dia do meu noivado!

CONSUELO — GETÚLIO MORREU!? GETULIO VARGAS, MORREU!

DALILA — Papai, o que o senhor está fazendo com esse revólver na mão.

GARBELO — Nada. Eu ia fazer o que Getúlio fez. Agora não dá mais.

DALILA — (desesperada) O senhor ia fazer isso, no dia do meu noivado?

CONSUELO — Morreu o Pater Nação, para Salvar o Pater Família. O processo inverteu.

DALILA — Deus misericordioso, levou Getúlio para Salvar meu Pai!

(Som do Tic-tac)

(Música Aquarela do Brasil)

PRIMEIRO ATO

2a. Cena

(Mesmo cenário com modificações de alguns objetos. O retrato de Garbello ocupa um lugar de destaque na sala.)

DALILA — Mamãe você jura?

CONSUELO — Juro.

DALILA — Mamãe você diz que jura sem ao menos saber o quê?

CONSUELO — Você está farta de saber que minha jura não tem valor.

DALILA — Eu sei, mas finjo que não sei.

CONSUELO — Além de leviana é hipócrita.

DALILA — A senhora além de má educada é franca. Deixe o padre Gabriel saber que és capaz de jurar em falso.

CONSUELO — Eu sei de coisas mais calamitosas a seu respeito que o padre Gabriel gostaria de saber. Ao menos para uso próprio.

DALILA — Mamãe, injúria não.

CONSUELO — Argumento, contra argumento.

DALILA — Mamãe sua jura não me interessa mais. Quero que a senhora prometa que assuntos "desagradáveis" sejam evitados de serem falados quando o Estelo estiver aqui.

CONSUELO — Quais assuntos podemos considerar desagradáveis?

DALILA — Por exemplo a minha idade. Não quero que o Estelo saiba nem de maneira sutil quantos anos eu tenho.

CONSUELO — Não se preocupe, sutileza não me é peculiar.

DALILA — Entenda mamãe, nem sutilmente, nem na bucha, certo?

CONSUELO — Entendi.

DALILA — Prometa que não mencionará nenhuma das pavorosas doenças infantis que eu tive.

CONSUELO — Você está tirando um dos melhores assuntos para iniciarmos uma agradável conversação.

DALILA — Mais uma promessa mamãe.

CONSUELO — Chega, até parece que sou crente.

DALILA — Não diga nada sobre o Caso da Chácara da Madame Gutemberg...

CONSUELO — Você quer me ver muda!? Está me proibindo de tocar em todos os bons assuntos para iniciarmos uma amistosa conversa. As suas doenças infantis renderia uns bons 25 minutos, miseravelmente, porque só para enumerá-las perderíamos uns 10 minutos. O caso da Chácara da Madame Gutemberg, bem contado, uma boa meia hora. A noite passaria, que nem sentiríamos.

DALILA — Meu último pedido mamãe. Não pergunte nada sobre a família de Estelo.

CONSUELO — Basta! Assim não teremos assunto para conversarmos. Além do mais, não te amamenteei, vesti, eduquei 32 anos...

DALILA — A senhora sempre encontra um meio de dizer a minha idade.

CONSUELO — Desta vez saiu sem pensar, não foi nada premeditado. Minha preocupação é de não te entregar ao primeiro pretendente que aparece.

DALILA — Quem me dera que ele fosse o primeiro. Perdeu a memória? Entre os meus pretendentes, o Estelo já foi o 3º e agora volta como o 5º.

CONSUELO — Nem tantos encantos você tem para ser bisada.

DALILA — Mas estou sendo mamãe.

CONSUELO — Meu medo é que esse rapaz seja filho de uma qualquer, e o que pode ser o filho de uma qualquer?

DALILA — DEPENDE! ATÉ GERENTE DO BANCO DO BRASIL!

CONSUELO — JAMAIS! No máximo investigador de Polícia.

DALILA — Com um pouco de sorte até Governador. Não vivemos numa democracia? Quanto aos pais de Estelo, a senhora já foi apresentada, sua mãe é costureira e seu pai é falecido. Suas especulações não tem razão de ser.

CONSUELO — Ele trabalha no banco?

DALILA — Não, ele é funcionário da água e esgoto.

CONSUELO — Apenas por curiosidade, ele trabalha na parte da água ou do esgoto?

DALILA — São perguntas como esta que me ajudaram a perder alguns pretendentes.

CONSUELO — Não jogue seus problemas, fracassos, derrotas, frustrações prá cima de mim.

DALILA — Não precisava ser tão incisiva.

CONSUELO — Não tenho culpa de sua mão ser tão pesada.

DALILA — Mamãe, pelo menos o caso da chácara da madame Gutemberg, a senhora promete não ventilar.

CONSUELO — Na época que estamos vivendo, tudo pode ser ventilado. Ademais, como você pretende se explicar na lua de mel?

DALILA — Tenho uma estória bastante convincente.

CONSUELO — Verossímil?

DALILA — Claro que sim. AI!

CONSUELO — O que foi?

DALILA — Fiquei incomodada, mamãe!

CONSUELO — Que azar, logo hoje!

DALILA — Não estava na época, mas é mencionar o caso da chácara e me descontrolo toda.

CONSUELO — Em casa estamos sem os anti-higiênicos Modess. Vou mandar seu irmão comprar.

(sai de cena)

DALILA — Mamãe, algum dia, quando você ficou noiva aconteceu algo assim? Chego a pensar que isso é de família. É só ficar noiva, para que mil coisas aconteçam, até uma revolução.

(Consuelo vem voltando)

O dia que a senhora ficou noiva de papai, foi um dia parecido com o de hoje?

CONSUELO — Completamente diferente. Não havia essa efervescência política, que está acontecendo hoje, chovia barbaramente, o seu pai chegou em casa todo molhado, mal teve tempo de acabar de fazer o pedido e pegou uma violenta gripe, no dia do casamento a gripe tinha evoluído para uma pneumonia, durante a lua de mel, ele teve delírio, febre, suava, tossia como um cachorro. A pneumonia tinha evoluído para uma tuberculose.

DALILA — Santo Deus! E a senhora o que fez?

CONSUELO — Continuei em Lua de Mel. Comprei dois bonitos urinóis, uns comprimidos de melhora, e entre escarros sanguíneos tosse e amor, passamos 15 dias inesquecíveis na cama. Depois levei seu pai para o hospital, onde fez um tratamento durante três anos. Foi nessa época que você nasceu.

DALILA — No hospital onde estava papai?

CONSUELO — Na maternidade onde estava sua mãe.

DALILA — Então... então a senhora continuou em lua de mel?

CONSUELO — Continuei. Não nos separamos graças à penicilina.

DALILA — E o papai ficou bom?

CONSUELO — Você faz cada pergunta... O seu pai tosse até hoje.

DALILA — O Estelo está demorando tanto!

(a porta da frente é aberta — Garbelo vem entrando)

GARBELO — Adivinha da onde eu estou vindo?

CONSUELO — Da rua.

GARBELO — Sempre a piada infame. Minha filha, adivinhe de onde eu estou vindo?

DALILA — Sei lá papai, não estou interessada em saber, estou preocupada com a demora do meu noivo.

(sem perder o bom humor)

GARBELO — Já que ninguém conseguiu adivinhar, eu digo. Estou vindo da Marcha com a Família e com Deus pela Liberdade! Vocês precisavam ver a força da marcha, a cada lugar que passava a massa ia se avolumando, crescendo como um bolo. Era como se toda a população do Rio de Janeiro, caminhasse pelas ruas, era contagiante! Havia bandeira, faixa... Não me lembro de ter visto alguma vez, uma multidão assim reunida com um só fim, um só ideal.

CONSUELO — Em 1950, nós estávamos no Maracanã e vimos uma massa comungar um só ideal, a vitória do Brasil sobre o Uruguai.

GARBELO — Que analogia infeliz. Nessa ocasião saímos derrotados, cabisbaixos, era como se a nação estivesse de luto, cada brasileiro era um ofendido. Hoje, havia uma vibração cada coração gritava vitória! O país sai do abismo.

(a porta é aberta repentinamente, Carrero com a vista ferida, entra com um embrulho na mão).

CONSUELO — Meu filho! O que houve com você?

GARBELO — Você se meteu em alguma confusão? Participou de alguma manifestação contrária a revolução? O que você estava fazendo na rua?

CONSUELO — Ele foi só comprar Modess.

DALILA — Mamãe como posso usar o Modess, se de antemão já veio manchado de sangue?

CONSUELO — Com um problema maior, como pensar num problema menor.

GARBELO — Que aconteceu com você meu filho!...

CARRERO — Levei um tiro no olho.

CONSUELO — Menino, não diga bobagem. Quer atrair tragédia.

CARRERO — Acabo de ser pára-raio de uma, mamãe. Acho até que estou morrendo.

CONSUELO — Meu Deus do Céu, que coisa mais grave. Dalila apanha o Mercúrio, Esparadrapo, Gase, Algodão, vamos urgente.

(Dalila volta a jato)

DALILA — MERCURIO! ESPARADRAPO! GASE! ALGODÃO! NÃO TEM...

CONSUELO — Serve o Modess. Farei um curativo tampão.

CARRERO — Prefiro morrer, a deixar colocar Modess na minha cara! Não tenho cara de... (desmaia).

(A mãe limpa o rosto do filho e faz um improvisado curativo. Dalila preocupada com o sangue que sujou o chão, limpa com cuidado.)

CONSUELO — Será que Carrero foi assaltado?

DALILA — Só pode.

GARBELO — Que nada. Bala perdida da oposição.

CONSUELO — E há oposição?

GARBELO — Descontentes tem em qualquer lugar. Até no seio das famílias.

CONSUELO — Ainda bem que o tiro não vazou o olho, apenas raspou o supercílio.

DALILA — Tenho quase certeza que o ferimento foi provocado por uma espingarda de ar comprimido, dessas de matar passarinho.

CONSUELO — Pelo rombo, só se foi espingarda de matar Aves-Pré-Históricas. Buscar Modess nos tempos de hoje, pode nos custar o olho da cara.

DALILA — Sem nenhuma figura literal.

GARBELO — Num dia tão importante como o de hoje, ser mutilado por uma banalidade dessa, é de amargar.

CONSUELO — Vivemos uma época, que podemos morrer por falta de troco ao comprarmos um Continental ou termos uma vista ferida quando tentamos comprar um simples Modess. Feliz, era o homem do passado, que morria por causas maiores.

DALILA — Não interessa discutir do que morre o homem contemporâneo. Acho bom cuidarmos do meu irmão.

(Luz em resistência. Som forte do Tic-Tac... A família está toda reunida à mesa)

CARRERO — Papai, nós não vamos comer?

GARBELO — Claro que vamos.

CARRERO — Não parece, há uma hora que estamos sentados à mesa, olhando para a comida, sem a tocarmos. Estou com fome.

CONSUELO — Calma, temos que esperar o noivo de Dalila chegar. Sem ele não tem significado comer.

CARRERO — E se ele não chegar?...

DALILA — Claro que chegará. Vire essa boca prá lá.

CONSUELO — O Estelo está sendo, dos noivos que você teve, o pior. Não aparece nem para comer o bolo, como fizeram os demais, justiça seja feita na primeira vez ele comeu um pedaço de bolo. Você se lembra Garbelo, do Tenaz? Foi pontual, trouxe aliança, fez formalmente o pedido, bebeu delicadamente duas taças de champanhe... cheguei a acreditar que sairia casamento.

GARBELO — O Tenaz perto do Abelardo, não foi nada. Recorda do Abelardo? Marcou até o casamento para o dia 1º de abril.

CONSUELO — E nós não desconfiamos!

GARBELO — Mas ele falou com o padre, me levou ao alfaiate para escolher o terno. Eu vi com esses olhos que a terra há de comer, o alfaiate tirar todas as medidas, marcar e cortar o pano. Tropical Inglês...

CONSUELO — Um irresponsável. Não se faz isso com um tropical inglês.

GARBELO — Fez as provas do terno, exigiu talas nos ombros, mandou correr os papéis no cartório, mas na hora "H"... falhou. Desapareceu como brumas de fumaça. Nem no alfaiate para apanhar o terno, ele voltou mais.

(furiosa)

DALILA — VOCÊS QUEREM PARAR COM ESSA VARANDA DA SAUDADE.

GARBELO — Recordar é viver, minha filha.

DALILA — Depende o que se recorda e como se vive.

GARBELO — Só se recorda o passado.

CARRERO — Papai eu vou dormir.

GARBELO — Como dormir? Dormir sem comer?

CARRERO — Perdi a fome de tanto olhar para a comida.

GARBELO — Se não quiser comer, não coma, mas não sai da mesa, não quebre a harmonia familiar.

CARRERO — Papai, prá que ficamos sentados aqui esperando um noivo que não vem!...

DALILA — Claro que vem, ele está um pouco atrasado, mas vir, ele vem. Hoje é um dia especial, Estelo deve estar enfrentando mil problemas para chegar aqui...

CARRERO — Quem sabe ele não foi preso?

GARBELO — PRESO POR QUÊ? PRESO POR QUÊ?

CARRERO — Por nada papai. Eu não fui ferido por nada?...

GARBELO — É isso que dá essa permissiva liberdade! Os membros da família vão sendo corroídos e vão enfraquecendo até se dilacerarem. Ainda bem que lá fora está havendo uma revolução, para acabar com isso...

(o relógio bate meia-noite)

CONSUELO — Todo encanto está desfeito. O príncipe não veio.

GARBELO — Tá certo jantar tarde, mas a meia-noite, só se fosse Revellion.

CARRERO — Podemos comer uns salgadinhos e irmos dormir?

DALILA — E A MINHA FESTA DE NOIVADO?

GARBELO — Não posso continuar mantendo todos à mesa, se a figura central não veio. Paciência, minha filha, não chore, é mais uma experiência que você adquiriu. Outros noivados virão, você só tem 32 anos e mora no Brasil. Seja otimista! Amanhã começa uma nova fase para o país, sua sorte também mudará.

(Beliscando uns salgadinhos Consuelo, Garbelo e Carrero vão saindo de cena. Dalila fica só).

DALILA — É preciso viver de espera, para não deixar se afogar no vazio da minha solidão. Por que essas coisas só acontecem comigo? No dia do meu noivado tem de acontecer uma revolução, eu fico menstruada, meu irmão leva um tiro, e o meu noivo não vem! Será que tem alguém nessa cidade maravilhosa com um destino igual ao meu?

(blackout)

Música: AQUARELA DO BRASIL

SEGUNDO ATO

(Som marcante do tic-tac do relógio... Pequenas mudanças de objetos no cenário, o retrato de Garbelo e a Ceia de Cristo não estão mais na sala. Dalila, eufórica, ajeita a casa tentando recriar um clima romântico.)

DALILA — Na falta de assunto mamãe, fale do tempo!

CONSUELO — Nesse caso, não seria melhor falar em distensão política? Dá polêmica!

DALILA — Polêmica por polêmica distensão de jogador de futebol dá polêmica maior.

CONSUELO — Eu não entendo de futebol.

DALILA — E o Siva não entende de política.

CONSUELO — Com as restrições de praxe que você me impôs, pensei que distensão política fosse um bom assunto para iniciarmos uma agradável conversa.

DALILA — Pelo amor de Deus mamãe! Só fale em distensão se for da coxa do jogador do Flamengo. Não crie barreiras intransponíveis.

(Garbelo vem chegando à sala)

DALILA — E o senhor meu pai, quando o meu noivo chegar tranque no seu quarto.

GARBELO — Por uma dessas incríveis coincidências é de lá que estou vindo.

DALILA — E é prá lá que o senhor deve voltar. Não fica bem o Siva presenciar esse insuportável ataque de tosse que ultimamente o senhor vem tendo com frequência. Mesmo lá evite tossir, se possível fique no banheiro, não é o seu cômodo preferido!

GARBELO — Não aparecer na sala, não apareço, usar o meu reduto de prazer fora de hora posso usar, se é esse o gosto da minha querida filhinha. Mas evitar a tosse, não posso garantir nada; ter ou não ter um acesso de tosse está além das minhas posses.

DALILA — Por isso papai eu comprei um remédio infalível contra isso.

(Dalila apanha uma reluzente caixa negra)

DALILA — Tome. Em caso de necessidade não relute, use-o, é formidável.

GARBELO — Não tem efeito colateral?

DALILA — Nenhum papai.

(Garbelo, curioso, vai saindo de cena. Dalila acaba de aprumar o bonequinho do bolo. Consuelo senta no piano esperando a entrada do noivo. Paralela a essa cena desenvolve outra, Garbelo faz um esforço sobre-humano para não tossir).

Mamãe o Siva está atrasado 10 minutos.

CONSUELO — Coloque o relógio em 8 horas, que ele estará rigorosamente no horário.

DALILA — Bem pensado mamãe.

(Dalila atrasa o relógio. Em cena paralela, Garbelo toma 1, 2, 3, 4 colheres de xaropé, percebendo que vai tossir, arranca a franha do travesseiro e improvisa uma eficiente e sufocante "rolha" que vai matando aos poucos. Garbelo desesperado tosse fartamente aliviando o seu pulmão.)

MAMÃE NÃO É QUE O PAPAÍ ESTÁ TOSSINDO! FOI DEUS QUE ATRASOU A VINDA DO SIVA!

(Garbelo vem chegando à sala)

DALILA — O senhor quase estragou tudo, tossiu como um alucinado, eu que pedi tanto. O senhor não tem mesmo consideração! Já pensou se o Siva estivesse aqui? O que não teria ele pensado?

CARREIRO — Pensaria que papai é um tísico.

CONSUELO — E teria pensado certo.

GARBELO — Eu fiz tudo para não tossir minha filha, até pano enfiei na minha boca. Teria morrido sufocado se o relógio da sala não tivesse batido 8 horas pela segunda vez. Só então tossi.

DALILA — Por que não usou o remédio que te dei?

GARBELO — Esqueci. Na próxima crise eu uso.

DALILA — Use mesmo.

GARBELO — Você tem muita fé no remédio, tem certeza que vai adiantar?

DALILA — Absoluta. O remédio é um tiro para a tosse.

GARBELO — Bendita seja a ciência!

CONSUELO — São 8,30 e o Siva não veio. Veja lá Dalila! Nós investimos tudo o que tínhamos e o que não tínhamos nesse seu noivado, torraramos a nossa caderneta de poupança! Esse noivado tem de sair hoje, além das despesas, não dá para esperar mais 10 anos.

DALILA — Como se eu fosse culpada, por mim desde 1954 eu já estava casada. Aqui em casa as coisas são radicalizadas na base do ou dá ou desce.

CONSUELO — Dá você já deu. Há 42 anos, que só nos dá despesas. No meu armário o meu vestido de noiva espera há três décadas ser usado outra vez. Até ele já está ficando impaciente.

GARBELO — Você já contou para o Siva o caso da Chácara da Madame Gutenberg?

DALILA — Até o senhor papai?

(Todos os membros da família procuram uma atividade rotineira para fazer. A cada minuto que passa a desatenção e irritação de Dalila aumenta, até explodir numa frase, quebrando o clima familiar.)

ESSA DEMORA É INSUPORTÁVEL! PAPAÍ, POR QUE O SENHOR NÃO VAI BUSCAR ESSE VEADO.

GARBELO — Estou muito velho para sair à rua à procura de veado!

DALILA — Eu tenho o endereço dele.

GARBELO — Nem com endereço certo eu vou, é uma questão de princípios.

(Dalila olhando o irmão)

CARRERO — Sair outra vez?

DALILA — COMO OUTRA VEZ? HÁ 10 ANOS QUE VOCÊ NÃO SAI DE CASA!

CARRERO — Já não bastou ter um olho quase vazado? Você quer a minha cegueira?

GARBELO — Você precisa voltar a normalidade. Estou há algum tempo para falar sobre isso com você, não é possível um homem ficar dentro de casa sem trabalhar, sem produzir, só lendo, lendo...

CONSUELO — Vá meu filho, é a sua oportunidade de rever a rua e prestar um favor a sua irmã, compadeça-se do seu sofrimento.

CARRERO — E quem vai se compadecer da minha cegueira, se outro tiro arrebentar a minha vista?

CONSUELO — Toda a sua família!...

GARBELO — Os Abodeons sempre foram solidários na dor!

CONSUELO — Mas esse desastre não vai acontecer.

CARRERO — Quem garante!

CONSUELO — Ninguém.

CARRERO — Então pode acontecer?

CONSUELO — Claro que pode. Afinal de contas não é proibido tirar duas vezes na loteria. Você tem que afastar esse pessimismo mórbido. Entretanto se uma desgraça acontecer, você terá casa e comida para sempre sem pagar INPS.

CARRERO — Então, eu vou mamãe. Confesso que estou com vontade de levar outro tiro no olho.

GARBELO — Vá reencontrar a vida, meu filho. Você perdeu 10 anos de sua vida dentro de casa. Aproveite! Se não fosse pela minha tosse, minha idade e a friagem da noite eu mesmo ia.

CARRERO — Esqueça essas pequeninas coisas e vá papai. Apesar das vantagens que mamãe me falou, eu cedo o meu lugar.

GARBELO — Não seja moleque!

CONSUELO — Bem, você vai ou não vai buscar aquele cretino?

DALILA — Mamãe, só a noiva e mais ninguém, tem o direito de xingar o noivo.

CONSUELO — O caso, querida, é que não podemos esperar muito mais. Lembre-se que esses salgadinhos (come um) são reminiscências de antigos noivados desfeitos, e estão fora da geladeira há uma hora, se não comer rápido estragarão.

GARBELO — Alguém tem que buscar esse canalha, se você não for, Carrero, eu vou. Não permitirei que homem nenhum desse planeta sacaneie minha filha mais do que ela foi sacaneada!

DALILA — PAPAÍ! (emocionada)

CONSUELO — Bravo. Isso é que é família unida.

GARBELO — Traga minha bomba de asma, meu chapéu, meu casaco, cachecol, guarda-chuva e galocha.

CARRERO — Eu vou.

GARBELO — Decisão é decisão e a minha é irrevogável.

CARRERO — Vamos decidir quem vai buscar o noivo, jogando uma partida de xadrez, o vencedor terá o direito de ir.

GARBELO — Só aceito se for uma melhor de três.

CARRERO — Concordo.

DALILA — Se vocês forem jogar xadrez, quem vai buscar o Siva, sou eu.

GARBELO — Isso é que não, e o seu papel na sociedade?

CONSUELO — Não fica bem prá você sair à rua à procura de um homem para trazer à casa de seus pais. Ainda se você fosse uma prostituta!...

DALILA — Por isso não seja mamãe, me transformo agora mesmo.

CONSUELO — Não tenha ilusões Dalila. Agora não dá, seu tempo já passou.

DALILA — Ainda tenho muitos encantos.

CONSUELO — São invisíveis ou devem estar muito ocultos.

GARBELO — Deixe isso comigo, é uma tarefa essencialmente masculina.

(Dalila alegre por alguém ter tomado uma decisão.)

GARBELO — CARRERO, VAMOS AO JOGO DE XADREZ!

DALILA — Troque o xadrez pela PORRINHA é muito mais rápido.

CARRERO — Melhor de três?

DALILA — Não, uma única e decisiva partida. Não transforme o jogo em decisão de campeonato carioca.

(O jogo é jogado, Carrero vence. Consuelo apanha todo o material necessário.)

CONSUELO — Tome o mapa da cidade, nesta pasta tem uma merenda, caso se perca telefone para o corpo de bombeiros e diga o nosso endereço.

GARBELO — Quando o sinal estiver vermelho não atravesse a rua.

CONSUELO — Só ande na calçada.

(Carrero olha significativamente para todos e sai)

GARBELO — Dez anos sem ver a rua é preciso ter muita coragem para começar tudo de novo.

CONSUELO — Coragem é que não lhe falta.

GARBELO — Teve a quem puxar.

CONSUELO — Espero que ele volte.

DALILA — Com o Siva, senão não interessa.

GARBELO — Dez anos sem botar a cara na janela! Mundo só pelo rádio, TV e jornais.

(Barulho forte do tic-tac do relógio... Carrero vem voltando.)

DALILA — Já voltou? Não deu tempo nem de descer no elevador!

CONSUELO — Meu filho, você está me vendo?

CARRERO — Estou mamãe.

CONSUELO — Graças! Não ficaste cego.

CARRERO — Gente, eu vi carros, luzes, avenidas monumentais, igualzinhas as das revistas, vitrines...

DALILA — Trouxe o cachorro?

CONSUELO — Não interrompe a narrativa do seu irmão, não vê que ele está deslumbrado.

DALILA — Trouxe o canalha?

GARBELO — Trouxe o ordinário?

DALILA — Papai olha a sua tosse. Vá para o seu quarto.

(Contrariado, Garbelo vai se retirando da sala.)

CARRERO — Se não fosse o pão com açúcar que mamãe colocou no bolso direito, os ovos cozidos no bolso esquerdo e o pedaço de marmelada no bolso de trás não teria conseguido trazer o homem. Pode entrar.

(Um homem mal vestido, entra na sala timidamente.)

DALILA — Que é isso?

CARRERO — Isso o quê?

DALILA — Isso que está perto de você!

CARRERO — Um homem.

DALILA — Isso eu sei, mas o que ele está fazendo aqui?

CARRERO — É um pretendente a noivo.

DALILA — Pretendente? Eu tenho um noivo fixo.

CONSUELO — Que até agora não apareceu nem deu sinal de vida.

DALILA — Mas há de aparecer!

CARRERO — Não tenha tanta certeza.

DALILA — Carrero, você saiu daqui para buscar o Siva, não para um... um... um qualquer.

FONDATO — Faço questão de explicar, que só estou aqui pela insistência do rapaz, quando nos encontramos os meus propósitos eram bem outros. Não quero ser o ponto de desarmonia entre a família. A amabilidade do rapaz, as suas inúmeras súplicas e o apelo da festa com comida em fartura, é que me levaram até aqui. No duro pensei que se tratava de mais uma das extravagâncias dos ricos.

DALILA — Você fez isso, Carrero? (furiosa)

CARRERO — Fiz. Que outra motivação teria para trazer um homem aqui!

DALILA — A senhora ouviu isso?

CONSUELO — Precisava ser surda para não ter ouvido.

DALILA — E o que diz?

CONSUELO — Nada.

DALILA — A senhora não vai repreender Carrero?

CONSUELO — Repreender? O seu irmão prestou um grande serviço, arriscou a sua vida, venceu um trauma de 10 anos, trouxe um noivo até aqui e você acha que devo repreendê-lo, só porque não trouxe o Siva, aquele irresponsável que como os demais não aparecem? Você devia agradecer ao seu irmão por ter conseguido um substituto à altura em cima da hora.

DALILA — Devo agradecer-lhe por ter trazido um mendigo?...

FONDATO — Alto lá minha senhora! Já fui seminarista, boxer, mártir de feira de amostra e bancário. Hoje sou poeta descompromissado com a realidade sufocante. Vivo para comer, beber e dormir.

DALILA — Desculpe, mas prefiro esperar o Siva.

CONSUELO — Esperar, quem não vem?

CARRERO — Espere sentada e para sempre.

DALILA — Por que está dizendo isso?

CARRERO — A dona da pensão disse que ele viajou hoje para a Amazônia.

DALILA — Mentira! Você não foi lá, aposto como não saiu da porta do nosso prédio.

(O bate-boca é estabelecido, os personagens não mais são ouvidos. — Ao lado desta cena o público assiste o dramático sofrimento de Garbelo, que sem saber o que se passa na sala, tenta a todo custo evitar a tosse. Garbelo está se sufocando, quando num estalo lembra do remédio que a filha havia dado. Apanha depressa a caixa preta, abre ansioso, nervoso, cheio de fé e esperança. Espantado, Garbelo vai retirando um revólver com silencioso).

GARBELO — AH! ENTÃO ERA ISSO O REMÉDIO INFALÍVEL!
(tem um violento acesso de tosse)

(Cena na Sala. Luz)

DALILA — ... Pensando bem, Mais Vale um Pássaro na Mão do que UM no Amazonas Voando (A alegria da resposta de Dalila é interrompida pelo tiro vindo do quarto)

DALILA — (irritada) Eu sabia que ele era capaz de tirar o silencioso só para me magoar!

CONSUELO — Foi seu pai!

DALILA — Quem mais podia ser senão ele.

CONSUELO — (emocionada) Então ele conseguiu! 20 anos para concretizar o seu grande sonho!

(Garbelo vai entrando pela sala com o revólver em punho)

DALILA — PAPAI, ALÉM DE TIRAR O SILENCIOSO O SENHOR NÃO MORREU? O que pretende?

GARBELO — (espumando de raiva) Te matar desnaturada. Vingar a minha quase morte. Eu que te aturo há 42 anos, que paguei a sua educação, sua comida, sua dormida, em troca você quis me induzir ao suicídio...

DALILA — Sempre pensei que esse fosse o seu maior desejo.

(Dá um tiro para o teto. Os presentes se escondem, menos Dalila)

DALILA — Papai... perdão, não me mate na sala, o senhor pode manchar o meu bolo de sangue...

GARBELO — Pena eu não ter um ataque de tosse, para escarrar sangue no seu bolo. (agarra a filha pelos cabelos e leva até ao bolo) Quer que use o silencioso?

DALILA — NÃO.

(Garbelo, encosta a cabeça de Dalila no bolo, coloca a arma no ouvido da filha e descarrega o revólver. O tambor roda, roda e não dispara nenhuma bala.)

(Pausa longa)

Paizinho! Eu só coloquei duas balas no tambor, achei que duas balas eram o quanto bastava.

(Garbelo fica possesso, anda pela sala, súbito pergunta ao filho).

GARBELO — Carrero você conseguiu trazer o noivo?

CARRERO — Sim papai!

GARBELO — Cadê o idiota?

(saíndo de trás de um móvel Fondato se apresenta)

GARBELO — Mas você não é o Siva?

FONDATO — Não.

GARBELO — Mas, é o noivo?

FONDATO — Sou.

GARBELO — Pois então saiba que ela, (apontando para a filha) quando criança tinha cagancira crônica, vivia borrada, era toda perebenta...

DALILA — Papai!

GARBELO — ... E mais, quando mocinha deu para todo o mundo, chegava a organizar gincanas competitivas no fundo do quintal...

CONSUELO — Garbelo, se freia...

GARBELO — Que freiar que nada! Solto tudo e você me auxilia, conta o caso da Chácara da Madame Gutemberg.

CONSUELO — Bem, já que você pede. Foi assim. Era uma vez, uma manhã de domingo...

DALILA — Mamãe!

CONSUELO — O seu pai quem pediu...

GARBELO — O senhor sabia que ela tem 42 anos, que foi jubilada no colégio? O senhor ainda pretende noivar com a minha filha?

FONDATO — Pretendo.

GARBELO — O senhor é surdo, burro ou canalha?

FONDATO — Tenho as três qualidades. Acentuo cada uma de acordo com as necessidades.

GARBELO — CINICO!

FONDATO — É mais uma das minhas qualidades reveladas.

GARBELO — Sem caráter! Você não tem escrúpulo?

CONSUELO — Não repare não a eloquência. São coisas de família.

FONDATO — Eu não reparo nada, conheço muito bem a célula máter da sociedade. Só espero com ansiedade a hora de comer alguma coisa.

CONSUELO — Credo! Lembre-se de que nem só de pão vive o homem. Primeiro vamos fazer um asseio completo, o senhor não tem aparência de noivo. Carrero, trás tesoura, Bacia, Sabonete, Toalha. Dalila, traga água, Lavanda, Xampu, Espelho. Garbelo, traga Loção, Talco, Brihantina, Navalha.

GARBELO — Eu não vou apanhar nada, não vou compactuar com essa farsa.

CONSUELO — Quer ver mais um noivado desfeito?

(O som do tic-tac, de agora em diante vai ficando assustador, os personagens movimentam alheios a esse fato. Em pouco tempo, Fondato vai se transformando, está agora bem vestido e engomado. O efeito de som termina.)

CONSUELO — O seu irmão tem bom gosto. Olho clínico apesar de semi-cego. Devia ser publicitário. Agora vamos nos arrumar.

(A filha, a mãe e o irmão saem de cena. Fondato de "vagabundo" virou um príncipe.)

GARBELO — Saiba que a gincana que há pouco falei, foi um desses arroubos infantis, juvenis, inconseqüentes.

FONDATO — Não me preocupo com isso.

GARBELO — O senhor trabalha?

FONDATO — Periodicamente.

GARBELO — Vive de rendas?

FONDATO — Não.

GARBELO — Tem alguma ocupação?

FONDATO — Tenho.

GARBELO — Qual?

FONDATO — Representar no teatro o papel de noivo.

GARBELO — Só gosta de fazer esse papel no teatro?

FONDATO — Não vida real, só quando aparecem ocasiões como esta.

GARBELO — Quer dizer que essa não é a primeira vez que o senhor faz esse papel?

FONDATO — No teatro?

GARBELO — Na vida.

FONDATO — Não.

GARBELO — Nem será a última vez?

FONDATO — Depende das circunstâncias.

GARBELO — Quer dizer que essa é a sua profissão?

FONDATO — Minha profissão é ser poeta, mas não dá para viver de versos. Aliás nessa vida, já fui de tudo, até boxeur.

GARBELO — Boxeur? Não parece, não vejo nenhuma marca no seu rosto. Você devia lutar muito bem.

FONDATO — É que eu lutava boxe num circo contra aleijados e mendigos das cidades em que o circo passava. Cada um que entrava no ringue para me enfrentar, tinha o direito a uma janta após a luta, se agüentasse três rounds, podia comer duas bananas como sobremesa, geralmente nem janta comiam, na primeira porrada acabava de desmontar o miserável.

GARBELO — Quanto tempo durou essa sua profissão?

FONDATO — Viajei com o circo pelo interior do Brasil, durante dois anos.

GARBELO — O senhor abandonou a profissão por crise de consciência?

FONDATO — Não, é que não via futuro. E um dia quase que a minha cabeça foi esmagada por uma muleta de ferro.

GARBELO — Foi então que o senhor resolveu ser poeta.

FONDATO — Não, abandonando o circo fiquei rolando pelas estradas, sem destino, biscateando. Fui ficando deprimido, só via o horizonte negro, a bruta fome e a solidão, resolvi acabar com a minha vida.

GARBELO — (entusiasmado) Pelo visto o senhor também não foi bem sucedido?

FONDATO — Exato. Sou muito azarado. Imagine você que um dia subi na mesinha de cabeceira tendo no pescoço uma grossa corda, pensamento positivo, pulei... a corda arrebentou.

GARBELO — Você não reclamou na loja onde comprou a corda?

FONDATO — Reclamei, mas não adiantou. O rapaz não acreditou, disse que a corda que me vendeu era para alpinista escalar morro. Deprimido, entrei numa farmácia e comprei Gillette Platinum Plus. Fui para casa, dormi um pouco, quando acordei me tranquei no banheiro, retirei a lâmina e passei violentamente nos pulsos.

GARBELO — (apavorado) Espirrou sangue para todos os lados!

FONDATO — Não. A lâmina estava cega.

GARBELO — Cega? Não era nova?

FONDATO — Era, mas a filha da dona que me alugava o quarto, naquela noite ia ter um encontro com o namorado e resolveu raspar todos os seus pelos, ou seja, ela usou a gilete antes de eu usar. Mas não me dei por vencido! Uma semana depois atravessei a avenida Rio Branco de olhos fechados.

GARBELO — Levaste uma porrada...

FONDATO — Não. Não sei se os motoristas pensaram que estivesse gravando o show muito Louco da Vida ou se o sinal fechou na hora que comeci atravessar, o fato é que cheguei do outro lado sem que nada me tivesse acontecido.

GARBELO — Mas o senhor não desanimou, tentou mais uma vez?!

FONDATO — Claro! Eu tenho muita perseverança. Qualquer outro em minha situação teria se abatido, desanimado, mas eu não, fui em frente. Tentei o gás. Juntei dinheiro trabalhando um ano num banco, aluguei um apartamento e mal entrei abri o gás do banheiro e da cozinha, fogão de seis bocas. Tudo ia bem quando o telefone tocou, relutei em atender, mas como tinha convicção do que estava fazendo, atendi por curiosidade. Sabe quem telefonou?

GARBELO — Sua mãe?!

FONDATO — Se fosse ela, teria recebido apoio e voltado para o banheiro; ela sempre incentivou tudo que fiz. Era uma entidade que mantém um serviço de psicólogos, para evitar que pessoas solitárias cometam atos como o que ia fazer.

GARBELO — Eles te convenceram?

FONDATO — Me amarraram num papo, telefonaram para o Corpo de Bombeiros, que arrombaram a porta e me tiraram da Câmara de Gás.

GARBELO — O seu azar é inacreditável. Depois desta o senhor resolveu desistir?

FONDATO — Quando encontrei Carrero, estava a caminho da Ponte Rio-Niterói.

GARBELO — Ia se atirar?

FONDATO — Tentar ao menos.

(Com roupas mudadas, chegam Consuelo, Dalila e Carrero.

Som do tic-tac bem alto. A festa se desenrola como uma antifesta, num clima de terror e fantasia).

CONSUELO — Nossa filha é muito prendada, senhor... senhor...

FONDATO — Fondato.

CONSUELO — Obrigado. Mostre uma das suas prendas ao seu noivo, minha filha. Só não levante a saia, aos 12 anos e aos 15 era muito engraçado, sensual mesmo, hoje é lamentável. Nem recite. É até bom não mostrar prenda nenhuma. Mencionar que és prendada, já é o bastante.

FONDATO — Estou fascinado, só de imaginar as suas prendas, por que não dizer excitado.

CONSUELO — Perdoe o meu entusiasmo. Mas nós vivemos a vida inteira esperando que a nossa filha encontrasse um príncipe verde-amarelo que agradasse o paladar da nossa família.

FONDATO — Encontraram?

(tentando desviar o assunto)

DALILA — Belisque um salgadinho, senhor Fondato, não faça cerimônia.

FONDATO — Beliscar deve ser força de expressão, eu vou devorar, sem a menor cerimônia. Foi para comer que vim aqui.

GARBELO — Sirva um salgadinho ao rapaz, está esperando acabar de deteriorar?

FONDATO — Eu mesmo me sirvo, imaginem que há meses eu não como outra coisa que não seja couve podre com água.

DALILA — Não acredito. ISSO NÃO É BRASIL.

FONDATO — É verdade, só que esses fatos não tem muita divulgação. Posso afirmar que nesse país eu não sou o único a comer couve pobre e água. Há até gente mais infeliz que não tem nada para comer.

(Fondato fala e come com vontade. Os demais torcem a cara, fazem vômitos).

FONDATO — Perdão! A conversa está desagradável, não devia falar do meu cardápio *babitné*, foi o entusiasmo. Mas assunto é assunto, realidade é realidade, e deve ser dita, quer vomitem ou não.

GARBELO — (esverdeado) É claro. O senhor pode e deve contar tudo, continue falando.

FONDATO — Bem, em resumo, quando a coisa apetta, como até barata! Em Praça Pública, é claro!

(Carrero começa a vomitar na mesa)

DALILA — Você quer estragar o meu noivado, fazendo uma coisa dessa.

CONSUELO — Meu filho, isso é coisa que se faça à mesa! Vá vomitar no banheiro. (Carrero sai da mesa) Desculpe senhor Fondato, mas Carrero é muito sensível.

GARBELO — Ele não tem é educação.

CONSUELO — Não é isso Garbelo. Vomitar todos nós estamos com vontade, mas nós seguramos.

FONDATO — Não se aborçam pelo garoto, eu nem ligo, acredite. Madame, comparando com o que venho comendo ultimamente, esses salgadinhos estão uma delícia.

CONSUELO — Eu acredito.

DALILA — O senhor precisava ter comido na época em que foram feitos.

CONSUELO — Ano retrasado!

DALILA — Aí sim, estava uma delícia.

(Carrero voltando à mesa)

CONSUELO — Vomitou? Lavou as mãos? Senta e coma de novo e não faça mais bobagens à mesa.

(Carrero senta quieto)

CONSUELO — Dalila, traga a sopa.

GARBELO — A sopa ainda é aquela do último noivado?

CONSUELO — Precisava fazer referências?

(da cozinha)

DALILA — A sopa azedou mamãe!

GARBELO — Era de esperar, é difícil resistir 10 anos, mesmo estando no congelador.

CONSUELO — O senhor Fondato não se importa com isso?!

FONDATO — Em absoluto. Sopa azeda pra mim é luxo.

CONSUELO — Há 30 anos que fazemos festa de noivado e nunca vi pessoa mais sensata. Graças a isso, tudo está dando certo, estou sensibilizada.

(Dalila vem trazendo a sopa)

FONDATO — A ocasião pede uma bebida.

GARBELO — Carrero, apanha o vinho na cristaleira que está no quarto da empregada.

(Carrero volta com o vinho, pai serve e prova primeiro)

GARBELO — Consuelo o vinho virou vinagre!

CONSUELO — Já não era sem tempo. Mas vinagre também se bebe.

CARRERO — Nunca bebi vinagre!

GARBELO — Posso te assegurar que é uma delícia!

CONSUELO — Façamos um brinde.

CARRERO — Um brinde a quê?

GARBELO — A sua volta à rua.

CONSUELO — A sua sorte.

CARRERO — Sorte?

CONSUELO — Sorte, não é todos os dias, que temos a felicidade de sair à rua e voltarmos. Há os que saem e não voltam mais.

FONDATO — Desaparecem como por encanto.

GARBELO — Behamos a sorte do meu filho!

(Todos Bebem —)

CONSUELO — O Vinagre tem lá seu sabor. No primeiro noivado em 1954, compramos 20 champanhes fancesas...

GARBELO — Nessa época, acreditávamos muito nos encantos de nossa filha.

CONSUELO — Para o segundo, restavam 5 champanhes, compramos mais 10 champanhes nacionais...

GARBELO — Tínhamos perdido um pouco a fé nas prendas de nossa filha. Para o terceiro noivado, não compramos champanhe...

CONSUELO — Achamos que dava azar.

GARBELO — Qual nada! Não era o champanhe que dava azar. A festa foi organizada sem atingir o seu objetivo. Aí perdemos a fé nos encantos de Dalila.

CONSUELO — Uma coisa é bom que se diga, temos uma larga experiência em organizar festa de noivado. Sabemos todos os macetes, de modo que o nosso consolo é que a não ser nas primeiras e nas últimas, por descaso, os nossos convidados não podiam reclamar, eram muito bem servidos.

GARBELO — É o aprimoramento que só o tempo nos dá!

CONSUELO — Fracassado o terceiro noivado, saímos otimistas para o quarto.

GARBELO — Fui convidado para ser *maitre* de um restaurante de alto luxo.

CONSUELO — A partir daí, começamos repetir não só o champanhe, mas também os salgadinhos, os convidados foram diminuindo, até abolirmos totalmente.

GARBELO — Era cruel demais, ouvirmos as pessoas perguntarem quando seria o próximo. O pior, é que nós mesmos nos perguntávamos, só que mentalmente.

CONSUELO — O senhor pode não acreditar, mas esse bolo é o mesmo da primeira festa de noivado. Foi feito no dia em que Getúlio Vargas se matou.

GARBELO — Dado ao tempo, o bolo sofreu algumas restaurações, é claro.

FONDATO — Quer dizer que estou diante de um bolo histórico, com gosto de 1954!

CONSUELO — É o que hoje restou, além de alguns salgadinhos mais recentes, refogados e reunidos em dois pratos, e duas garrafas de champanhe nacional que viraram vinagre.

FONDATO — É a vida!

(Dalila chora copiosamente)

Não chore, minha noiva, a vida é muito mais dura do que isso. Afinal se todos os problemas do mundo fossem beber vinagre, na hora certa, o mundo seria um paraíso. Eu também já sofri muito, passei por momentos difíceis, mas como vçem superei e hoje estou desfrutando dessa boa situação. Imaginem vocês, aos 5 anos eu vi o meu cachorro morrer envenenado com um sanduiche de queijo, que vovó preparou para mim. Aos 10 anos, surpreendi papai no quarto ouvindo um discurso do Führer em posição de sentido, vestido de acordo com o partido integralista. Estava ele tão empolgado, que quando me viu bateu com os pés, ergueu o braço direito e saudou ANAUÉ!

GARBELO — Pelo que vejo à medida que a sua cronologia avança, as desgraças aumentam.

FONDATO — Exato. Aos 15 anos foi o grande trauma. Estava eu chegando da Igreja, tinha ido me comungar e confessar, quando cheguei em casa encontrei a porta aberta, o que me causou espanto, porque não era nosso hábito deixar porta aberta. Entrei, pé a pé e ouvi... vozes estranhas no quarto. Aproximei com muito cuidado, e olhei no buraco da fechadura. Sabem o que vi?

CONSUELO — Não.

GARBELO — Não.

CARRERO — Não. (excitado)

DALILA — Mamãe estou louca de vontade para contar o caso da Chácara da Madame Gutemberg...

CONSUELO — Agora aguarde a sua vez. Prossiga meu filho.

FONDATO — Pois bem. Vi minha mãe na cama, nua, amarrada, e dois homens armados apontavam o revólver para ela. Levei meus pensamentos para Deus, e num ímpeto desesperado, coloquei a mão na maçaneta e não agüentei mais...

CARRERO — Mamãecccccccccccccccccccc.....

CONSUELO — Menino! Comporte-se. Quer estragar a narrativa de Fondato?!

FONDATO — Mas foi exatamente isso que sucedeu comigo. Com o meu grito os homens se assustaram e...e...e.....

CONSUELO — O que aconteceu?

FONDATO — Descarregaram o revólver em mamãe. Foi um pipocar de balas que nunca mais me esqueço. A cabeça de mamãe parecia um chuveiro aberto descendo sangue torrencialmente. Seus lindos cabelos negros, compridos, ficaram vermelhos. As balas ricocheteavam na cabeceira, perfurava a parede, quebrando o abajour, o despertador, o porta-retrato, o crucifixo. A cama ficou um rio de sangue. Mamãe ainda se ergueu, ficou quase em pé, foi o último momento de mamãe viva que eu gravei, aquela figura frágil, perplexa, pálida, desfigurada. Rodou como uma santa embriagada e tombou pesadamente em cima da mesinha de cabeceira, abraçada com o rádio de papai acidentalmente ligado na hora do "Sseu Criado Obrigado".

(— Pausa Longa —)

CONSUELO — Você viu tudo isso pelo buraco da fechadura?

FONDATO — Vi. Fiquei estarecido, incrédulo, meu corpo tremia, parecia estar com febre de 40 graus. Foi nesse estado que vi os dois homens passarem por mim e me deram uma bala.

GARBELO — Bala de revólver?

FONDATO — Não, bala de chupar.

CARRERO — E você o que fez?

FONDATO — Chupei a bala.

CONSUELO — CHUPOU????!!!

FONDATO — Chupei como um autômato, aquela horrível bala de hortelã, dada pelos assassinos de minha mãe. Por isso, até hoje odeio hortelã.

(— Os presentes suspiram um melancólico silêncio —)

FONDATO — Como vê, minha noiva, beber vinagre, não é nada para quem já chupou bala de hortelã.

GARBELO — E o motivo do assassinato, qual foi?

FONDATO — As causas podem ser muitas. Creio em vingança, por papai ter renegado suas antigas idéias políticas e passar a denunciar os seus males, combatendo com veemência em órgãos públicos, ou pelas violências que papai cometeu contra alguns chefes de família, quando ele acreditava nos seus ideais. Para a polícia, tudo não passou de mais um banal crime passionai, sem maiores implicações. Quiseram-me transformar

em Édipo, vendo que não dava, envolveram meu pai que foi obrigado a desaparecer de casa.

CONSUELO — A sua tragédia, só pode ser comparada com a minha Lua de Mel! Ela pode ser dividida em três atos como no teatro. Gripe, Pneumonia e, com grande finale, Tuberculose.

FONDATO — Tenho certeza que a sua Lua de Mel é uma gota d'água, perto do meu oceano de desgraça, que aconteceu comigo aos 20 anos.

CARRERO — Eu desafio! Tragédia maior que a minha, é impossível. Há dez anos saí para ir a farmácia e tive um olho vazado, é desesperador ficar caolho por causa de um *modest*.

DALILA — Ah! Eu não agüento mais! Vou contar o que houve comigo na Chácara da Madame Gutemberg. Era um domingo primaveril, tínhamos ido à casa da distinta Madame Gutemberg, que possuía um bonito bosque. Papai tossia e mamãe conversava banalidades com a Madame. Eu e Carrero corríamos livres pelos campos, entre flores, árvores, brisa e passarinhos. Havia realmente um QUÊ de primavera no ar! — De repente me perdi de Carrero. Chamei, procurei, mas não o encontrei... Assim, como de súbito, estava diante de um lago maravilhoso, fazia pedidos de menina e jogava pedrinhas na água, que fazia círculos imaginativos, me distraía a valer, tinha me esquecido de Carrero, estava colhendo flores silvestres à beira do lago, para fazer um buquê e levar para a mamãe... quando... apareceu na minha frente Frankenstein!

FONDATO — FRANKENSTEIN?!!

DALILA — Prá mim era. Não tinha o que botar ou tirar. Ele me agarrou com estúpida violência, me levou para à margem do lago e selvagememente... me violentou, como se eu fôsse um animal... me chamando de Marilyn Monroe.

FONDATO — É muito cinema americano.

CONSUELO — Você esqueceu de contar a sua provocação, mostrando as calcinhas.

DALILA — Mentira. Eu havia me abaixado calmamente, para colher margaridas campestres. Viu, como foi horrível a minha passagem de adolescente para adulto.

CARRERO — É, mas depois disso, me obrigava a ir ao cinema, para assistir a todos os filmes de Drácula e Frankenstein.

DALILA — Era só para ver se reconhecia o tarado.

CARRERO — Na hora de dormir, quem tinha os pesadelos, era eu, enquanto você delirava com os seus sonhos cheios de gritos e sussurros prazerosos.

GARBELO — Encerrando o ciclo de pequenas desgraças que foram narradas na minha casa, conluo que a grande tragédia não foi contada. É

a história dos que vão perdendo a sua história, a sua memória, as suas raízes, os seus costumes e tradições; e que se mantém invariavelmente mudo, silenciado. Essa é a tragédia que não pode ser teatralizada, romançada, radiofonizada, nem transformada em capítulos de novelas. A espoliação diária dessa gente, é que consiste o verdadeiro sofrimento. O que ouvi nesta mesa, foram sonhos desfeitos, frustrações, aspirações perdidas, ausência de perspectiva, pela natural falta de garra que caracteriza a nossa classe social, moldada para ser acomodada e só aspirar o consumo.

FONDATO — Auto-Crítica Brillhante! E agora senhor Abodeon?

GARBELO — Agora? Agora nada. Não tendo como competir com candidatos tão fortes, lembrei da tragédia maior. Tudo fica no brilhareco do efeito das palavras, enclausurada entre quatro sólidas paredes, como toda auto-crítica burguesa que se preze. O meu momento de lucidez é do mais puro efeito de preciosismo barroco. Para a perfeição faltou os aplausos de vocês.

CONSUELO — Vocês querem mais vinagre?

(O som do tic-tac de forma aterrorizante.)

DALILA — Mamãe, eu quero beber mais vinagre!

CARRERO — Beber sem motivo?

FONDATO — Vamos brindar alguma coisa!

CONSUELO — Por exemplo, o quê?

GARBELO — A nossa harmonia, a nossa família, a nossa pátria, a nossa união, a nossa felicidade, nossa paz, nossos sonhos. Tudo isso, que compõe o sentido das nossas vidas. Temos tanta coisa a brindar!

CONSUELO — Temos. Os nossos mortos, nossas decepções, omissões, participações, nossos crimes, nossos carrascos.

GARBELO — Haja Vinagre! Façamos um só brinde então. Que represente todas as grandezas e misérias das nossas vidas!

(O brinde é feito. Cortam o bolo, servem e vão comendo)

Essa é a ocasião perfeita para o discurso que venho fazendo há 30 anos, com pequenas revisões. Sempre que Dalila corta o bolo, é ela cortar e eu discursar.

GARBELO — Minha filha, meu filho, minha esposa e meu segundo filho, Siva... ou melhor Fondato. Perdão, mas não deu tempo para substituir o nome do ex-noivo. Vocês avaliam a dor, a emoção que sinto neste momento, ao conceder a mão da nossa estimada Dalila, ao mais novo pretendente a Sansão. (pausa esperando o riso)

(esperando o riso)

CONSUELO — Garbelo, essa piada funcionou em 1954, já devia ter sido cortada do discurso.

GARBELO — Prosseguindo. Esse é um cruel momento de felicidade, a nossa princesinha, parte dessa para melhor, coisa que nunca acreditei fosse acontecer. Essa foi de improviso, não estava escrito. Depois de 42 anos, sustentando-a com casa e comida, tenho o grato alívio de saber que vou me livrar desse peso, de tanta responsabilidade. Entrego minha filha a... a...

CONSUELO — Um ilustre desconhecido!

GARBELO — Porém, honrado cavalheiro, que embora aventureiro, sempre há de nos respeitar!

DALILA — Papai, agora que todo o rapapé de praxe foi religiosamente cumprido, posso ir para a cama com Fondato?

GARBELO — Só depois de 1º de maio.

DALILA — Eu não vou esperar mais tanto tempo. Primeiro de maio não existe. Estou seca de amor, o último homem que eu tive foi Frankenstein, depois foi só imaginação e solidão.

(Garbelo tem uma crise de tosse. A família preocupada atende Garbelo. Som do tica-tac retorna, CADA VEZ MAIS FORTE).

Papai, que barulho é esse?

GARBELO — Barulho do relógio, que temos há 50 anos nesta sala.

DALILA — Relógio, batendo assim tão forte? Parece uma bomba!

GARBELO — Então, só pode ser ficção, desvinculada de qualquer realidade.

FONDATO — Seria futurismo nosso?

CARRERO — Acho que estamos tendo uma ilusão sonora.

CONSUELO — Só há um meio de verificarmos que ruído é esse.

(Consuelo, segura o pêndulo, parando o relógio. O tic-tac continua forte)

O barulho aumentou! O Barão de Itararé tinha razão, existe algo no ar, além dos aviões de carreira.

DALILA — Se não é o relógio, o que pode ser esse barulho?

CONSUELO — Trovoada.

CARRERO — Implosão.

GARBELO — Até que enfim, foram ditas coisas sensatas, nesse mar de especulações.

FONDATO — Será que o processo de colonialismo cultural nos alienou ao ponto de não distinguirmos uma ameaça bélica de uma trovoada?

DALILA — Será que uma revolução vai acontecer outra vez, bem no dia do meu noivado. SENHOR! DAI-NOS AQUARELA DO BRASIL, COMO NOS DEU O GOL DE PELÉ NA COPA DE 70.

(O barulho se intensifica, parece que realmente uma explosão vai acontecer.)

CONSUELO — Fazemos uma corrente prá frente, em um minuto Aquarela do Brasil será tocada. Foi assim em 1954, 1964, e será agora em 1974.

CARRERO — É como se eu estivesse no cinema!

GARBELO — Eu já me convenci de que estou no cinema, só falta saber o filme que estou vendo.

CONSUELO — Ou muito me engano, nós estamos ouvindo demais.

CARRERO — Ia tudo muito bem...

DALILA — Ia não. Vai. Eu ainda tenho o noivo, e Aquarela do Brasil não tarda a ser executada. Tenho fé e esperança.

CARRERO — Só a sua estupidez justifica essa esperança.

GARBELO — Todos nós acreditamos na Aquarela do Brasil!

FONDATO — Nem tudo está perdido, existe ao menos um resto de festa com muito açúcar e ameaça de sangue.

(O barulho se torna insuportável, a explosão dá todos os indícios de que vai acontecer. Um minuto de pesado silêncio é passado, sem que o fato seja concretizado. Um só refletor ilumina a figura de Consuelo, sentada na privada, entre o retrato de Vargas e Garbelo)

CONSUELO — No nosso país, tudo atrasa, até explosões. Eu não estaria aqui sentada nessa privada, sofrendo de prisão de ventre, devido a uma ameaça de explosão, que paira sobre nossas cabeças, se em 1954 o caixão do Pater Família tivesse saído junto com o caixão do Pater Nação! Eu seria a viúva Consuelo Abodeon, amparada pelas leis trabalhistas. Em 1955, resignada, tiraria o luto para casar com um armador grego, que viajava em seu luxuoso iate fazendo turismo pela América do Sul. Iríamos viver no país da tecnologia, com todo o conforto do consumo, sem os perigos de nosso subdesenvolvimento. Estou falando dos Estados Unidos. Sem dúvida seríamos felizes. Brasil, só em postais! TUDO ISSO PODIA TER ACONTECIDO, SE O PATER FAMÍLIA TIVESSE SE MATADO ANTES DO PATER NAÇÃO.

(fotografias do enterro de Getúlio, com gravações da época, é mostrado; um brusco corte, mostra em slide a cena patética de Consuelo-Dalila-Carrero, numa larga e vazia avenida, equilibrando num tripé, o caixão de Garbelo. A narração dos fatos da morte de Vargas, prossegue, embora a imagem seja outra. Corte. Dalila na cama com o noivo. Luz).

DALILA — Com a polpuda mesada que mamãe mandaria, iria fazer um tratamento psiquiátrico, com consultas semanais, para ver se me livraria de Frankenstein. Acho que não conseguiria me livrar de Frankenstein, nem encontraria o meu Sansão, apesar da mesada em dólares. Minha pretensão era muito grande. Mas isso não teria tanta importância, 6 meses de divã seria o suficiente para me levar ao altar com o meu psiquiatra, que abandonaria definitivamente a psiquiatria e se dedicaria ao cinema de horror. Atividade em que seria bem sucedido, graças aos meus inquietantes e freqüentes roteiros.

FONDATO — Como cineasta, eu teria sido convidado para representar o Brasil na França, no 1º Festival de Cinema de Terror, com o filme, "Frankenstein na Chácara da Madame Gutemberg". A crítica especializada elogiaria o filme, afirmando que se o título fosse Frankenstein Mora no Brasil, o que daria um cunho político, o filme teria tirado o 1º lugar.

CARRERO — (na sala) Quanto ao meu destino, após uma inquietante adolescência, tentei a literatura, mas, dando chute num romance auto-biográfico recusado pelas editoras, é que descobriria o meu verdadeiro talento, o futebol. E quem sabe com dedicação e um pouco de sorte, eu não teria jogado no Santos, ao lado de Pelé?

(No quarto)

GARBELO — Em 1954, depois que o meu tiro saiu pela culatra, ou melhor, não saiu, fui tomado de uma frustração intensa, saí às ruas e vi o desespero do povo, que chorava a morte do presidente. Por um desses atos de louca coragem, comandi uma turba e destruímos um bar com uma fúria irracional. Fiz isso só para descarregar minhas baterias, concentrei toda ação num dia só, bati e apanhei num dia só. Com o passar do tempo fui ficando apático e descrente, deixei o leme da família Abodeon entregue à deriva da sua própria sorte, na fraqueza da individualidade dos seus membros. (animando-se) Em 1964, tentei segurar o leme outra vez, voltar a ser o grande comandante de outrora, mas o processo de desorganização familiar estava muito acelerado e todos os meus esforços foram em vão; cheguei a tentar convencer o meu filho de que ele deveria entrar na TFP, já que não temos a Klu-Klux-Klan. Falhando os argumentos, parti para a ação, e doei minha aliança de ouro para o bem da nação, mas este gesto não comoveu nem a minha mulher, nem os meus filhos. Senti que estava sozinho e mergulhei para sempre nos meus receios, na morbidez da minha apatia, que me rodeavam desde a minha juventude.

(Pausa longa — Clima Circense — Cena II, ano de 1979)

LOCUTOR 1 — (vibrando) Emocionante! A Maior atração de 1979! É de ARRREEEEEEPIARRRRRRR OS CABELOS! ASSISTAM A IMPRESSIONANTE METAMORFOSE HUMANA! A Mulher gorila, vindo

diretamente do Planeta dos Macacos, o perigoso King Kong. Hoje tem espetáculo! Um espetáculo que não se vê todos os Dias. Aviso da gerência, se alguém sofre do coração e não pode ver emoções fortes, não assista! O Parque Teatro Planeta, não se responsabiliza por possíveis males súbitos. Toda a responsabilidade é do espectador. Crianças e senhoras grávidas não entram!

(Através de fotografia, ou mesmo fazendo de verdade o truque ao vivo, o público assiste a metamorfose de Consuelo, dentro de uma jaula se transformar num poderoso gorila. Terminada a metamorfose. Em outra parte da cidade).

LOCUTOR 2 — Senhoras e Senhores, o Circo Tourada Céu Aberto por Esse Brasil Afora, apresenta hoje a sua última atração. Boxe de Kid Fondato X El Touro Carrero. Primeiiiiiiiiiro Assalto!

(A cena pode ser feita com fotografia, mas de preferência ao vivo. A melancólica figura de Carrero, muito magro, pálido, peito descoberto, vestindo um comprido e largo calção negro, entra no ringue com Fondato. A luta ao som do gongo inicia. Fondato, evita o ataque. O público vai, grita marmelada. Fondato parte para a luta e acerta, de imediato, um soco no peito desguarnecido de Carrero. Esse tem um ataque violento de tosse, desconcertando o adversário; o ataque não passa. O público vai e joga objetos no tablado. Fondato, preocupado, retira as luvas para atender o companheiro. Carrero encosta nas cordas e continua a tossir como se fosse estourar, começa a golpear sangue pela boca e narinas. A zoeira aumenta. Carrero sucumbindo ao peso das luvas, cai e morre em cima da pequena poça de sangue, que se formou no palco do improvisado ringue. O juiz faz a contagem de praxe e proclama Fondato como o vencedor da noite, erguendo o braço direito do campeão para o alto).

(Enquanto isso, na mesma noite, num outro ponto do país...)

DALILA — Venham! Conheçam as curvas do amor da Dalila. Venham derrapar nas delícias dessa Estrada! Conheçam a Flor de Lis, a moça que já foi de família e que mais noivo teve nessa cidade maravilhosa. Venha brotinho, não tenha medo, seja o primeiro, depois de Frankenstein, prove a sua virilidade, sinta o prazer que só essa coroa pode dar! Homens desse país! Quem se habilita? Só paga se gostar! Serviço bem feito e completo, por apenas 50 cruzeiros! Em plena inflação, um produto gostoso e de primeira necessidade, abaixo da carestia. Venham conhecer o Produto! Venham todos! Só Dalila satisfaz o Homem Brasileiro! Peito 99, Bunda 100, 60 de anca direita e 40 de anca esquerda, coxa 30....

(Num canto da cidade, Garbello dorme embaixo de um out-door, que anuncia: MORE BEM. NA MAIS ARISTOCRÁTICA RUA DO FLA-

MENGO! Edifício Morada de Chopin — UM LANÇAMENTO: SÉRGIO DOURADO.

(A luz em resistência. Um tic-tac forte marca o compasso nervoso dos personagens que vão retornando à memorável noite de 1º de março de 1974, quando a família, comemorava o noivado de Dalila e uma possível explosão, pairava no ar. Ainda com fraca iluminação, os atores vão se transformando na frente do público; assim Dalila deixa de ser tão gorda, Carrero e Fondato tiram as luvas e o calção de box. Os Abodecons vivem as angústias da ameaça do estranho tic-tac. O ritmo nervoso se intensifica, a violenta explosão está pronta para acontecer, quando é esvaziada subitamente pela esperada AQUARELA DO BRASIL. A crença num futuro promissor estava assegurada. A família volta à mesa e comemora, a música vai subindo — black-out).